

DOI <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n31.02>

## **Machado de Assis, tradutor de poesia: o projeto de tradução poética machadiano**

*Machado de Assis, poetry translator: Machado's poetic translation Project*

**Diego do Nascimento Rodrigues Flores\***

**Resumo:** No intuito de preencher a lacuna deixada pela crítica quanto ao estudo das traduções de poesia por Machado de Assis, elaboramos a tese *Machado de Assis, poeta-tradutor* (UFES, 2019). Apresentamos, neste trabalho, o projeto de tradução poética machadiano conforme revelado pelo estudo que fizemos, após a análise comparativa de cada um dos poemas traduzidos por Machado de Assis que pudemos encontrar, amparados pelas propostas de crítica de tradução de Antoine Berman e Henri Meschonnic, devidamente adequadas à realidade vivida pelo escritor oitocentista.

**Palavras-chave:** Estudos de tradução; Crítica de tradução; Tradução de poesia; Machado de Assis.

**Abstract:** Aiming at filling the gap left by the critics regarding the study of poems translated by Machado de Assis, we elaborated the thesis *Machado de Assis, poet-translator* (UFES, 2019). In this work, we present the Machado's poetic translation project as revealed by the study we carried out, after a comparative analysis of each of the poems translated by Machado de Assis that could be found, supported by the proposals for translation criticism by Antoine Berman and Henri Mesochronic, properly adapted to the reality lived by the nineteenth-century writer.

**Keywords:** Translation studies; Translation criticism; Poetry translation; Machado de Assis.

Se a poesia de Machado de Assis é frequentemente preterida em favor de sua prosa, a poesia traduzida por Machado de Assis

---

\* Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes).

encontra-se em posição ainda menos favorável dentro da fortuna crítica machadiana. Tal constatação, aliada à percepção de que estaríamos diante de um material de considerável valor e ao desejo de ajudar a reverter este quadro, motivou o desenvolvimento da tese de doutorado *Machado de Assis, poeta-tradutor*, defendida em outubro de 2019 no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), sob orientação do Prof. Dr. Raimundo Carvalho, e coorientação do Prof. Dr. Eduardo Araújo.

O estudo que empreendemos limitou-se exclusivamente às traduções poéticas interlinguais<sup>1</sup> de obras traduzidas e apresentadas por Machado de Assis como um texto completo, acabado, publicadas em seus quatro livros de poesia – *Crisálidas* (1864), *Falenas* (1870), *Americanas* (1875) e *Ocidentais* (1901) – e nos periódicos da época, excluindo de seu escopo, portanto, todos os fragmentos de poesia traduzida que possam existir no restante de sua obra ficcional. Deste modo, tínhamos um conjunto de trinta e cinco traduções poéticas realizadas entre os anos de 1856 e 1894, o que demonstra que a tradução de poesia foi presença constante, ainda que de intensidade variável, em praticamente toda a sua vida profissional.

Cabia, ainda, responder à pergunta: como justificar a relevância deste estudo, diante de uma crítica que, historicamente, tem dado tão pouca atenção àquele conjunto de textos? Jean-Michel Massa, crítico e biógrafo de Machado de Assis, em entrevista à *Revista Teresa* em 2008, sugeriu ser aquele conjunto de textos um tipo de “antologia da literatura europeia” selecionada por Machado de Assis, pois não são, ao menos em sua maioria, textos traduzidos a pedido ou a trabalho, mas textos que correspondem a uma preferência e escolha bastante pessoal de Machado de Assis, textos em que, mais do que *traduzir*, o

---

<sup>1</sup> Adotamos, aqui, o mesmo entendimento de Roman Jakobson, para quem a tradução interlingual é a interpretação de signos verbais de uma língua pelos de outra.

autor *escreve* poesia, buscando uma coautoria que promove nomes estrangeiros sob uma roupagem bastante pessoal (MASSA, 2005, p. 466). Nossa pesquisa pôde concluir que, mesmo adotando uma postura bastante conservadora em relação aos números, pelo menos vinte e oito dos trinta e cinco textos estudados poderiam ser enquadrados como uma escolha bastante pessoal, sem nenhum vínculo com motivações alheias à vontade do tradutor. Outro ponto a ser observado é a maneira como esses textos foram traduzidos por Machado de Assis, e aos poucos fomos formulando perguntas como: quem foi o poeta-tradutor Machado de Assis? O que ele tem a nos ensinar? Teria sido ele o tipo de tradutor que busca trazer a obra em toda a sua estranheza e complexidade estrangeira? Ou teria ele escolhido aclimatar a obra àquilo que o público brasileiro estava acostumado? Estaria ele, de alguma forma, alinhado ao que se tem pensado mais contemporaneamente sobre a tradução literária? Houve algum tipo de maturação durante aquelas quatro décadas?

Essas perguntas pautaram todo o trabalho desenvolvido durante a tese e determinaram que as análises fossem apresentadas de forma a dar ao leitor interessado uma noção de como Machado de Assis construiu seu legado como tradutor de poesia. Assim, começamos as análises separando os poemas traduzidos em dois grandes grupos: aqueles que foram incluídos nos livros de poesia e aqueles que foram publicados somente nos periódicos da época e que não foram recolhidos em livro pelo autor.

Os primeiros textos analisados foram as quatro traduções publicadas antes de *Crisálidas*, entre 1856 e 1863: “Minha mãe”, imitação de um poema de William Cowper; “A uma donzela árabe”, de Alphonse de Lamartine; “Souvenir d’Exil”, de Charles Ribeyrolles, e “O casamento do diabo”, de Gustave Nadaud. Em seguida, as seis traduções incluídas em *Crisálidas*: “Lucie”, de Lamartine; “A jovem

cativa”, de André Chénier; “Cleópatra, canto de um escravo”, de Mme. de Girardin; “As ondinas”, de Heinrich Heine; “Maria Duplessis”, de Alexandre Dumas Filho; e “Alpujarra”, de Adam Mickiewicz. Entre as publicações de *Crisálidas* e *Falenas* foram publicadas “O rei dos ôlmos”, de Goethe; “Lua da estiva noite”, de Henry W. Longfellow; e “O primeiro beijo”, de Guillermo Blest-Gana. *Falenas* é a obra com o maior número de traduções poéticas: “A Elvira”, de Lamartine; “Os deuses da Grécia”, de Friedrich Schiller; “Cegonhas e Rodovalhos”, de Louis-Hyacinthe Bouillet; “Estâncias a Ema”, de Dumas Filho; “A morte de Ofélia”, criado a partir de uma cena de *Hamlet*, de William Shakespeare; e as oito peças da “Lira chinesa”, retiradas de uma tradução francesa de poemas orientais feita por Judith Gautier. Depois da publicação de *Falenas*, há uma diminuição significativa no ritmo com que Machado de Assis traduzia poesia. Em *Americanas*, foi incluída uma única tradução, “Cantiga do Rosto Branco”, retirada de um livro de Chateaubriand. Deste ponto em diante, Machado traduz somente mais oito poemas, quatro dos quais adentram as *Ocidentais* em ocasião da publicação das *Poesias completas*, em 1901: “To be or not to be”, tradução do famoso monólogo de Hamlet de Shakespeare; “O Corvo”, de Edgar Allan Poe; “Dante”, tradução do Canto XV do “Inferno” da *Divina Comédia* de Dante Alighieri; e “Os animais iscados da peste”, de Jean de la Fontaine. Nenhuma dessas traduções eram inéditas quando Machado publica as *Poesias completas*. “Dante”, por exemplo, fora publicada pela primeira vez quase 30 anos antes da inclusão na obra, o que demonstra que o autor certamente dava considerável importância ao trabalho, por recuperar uma produção de tão longa data. Outras quatro traduções não tiveram o mesmo destino, ficando relativamente esquecidas até mesmo por boa parte das obras de referência e que recuperamos em nossa pesquisa. São elas: “O Coração”, de Herman Neumann; uma versão para o francês de “Inocência”, um poema de

Guimarães Júnior, que se tornou letra de música; “Seis dias em Cuiabá”, de autor anônimo; e o “Prólogo” do *Intermezzo* de Heinrich Heine, composta para integrar uma publicação completa do *Intermezzo*, que seria traduzido a várias mãos.

Nossa pesquisa, com base nos estudos biográficos de Raimundo Magalhães Jr., recuperou e acrescentou quatro traduções às já mencionadas por Jean-Michel Massa (2008) e à lista elaborada por Eliane Ferreira (2004) – “O rei dos ôlmos”, “Lua da estiva noite”, “O Coração” e “Inocência” –, elevando o total a 35 traduções poéticas, identificou republicações esquecidas de algumas traduções e corrigiu algumas inconsistências encontradas em obras de referência e outros estudos, principalmente quanto aos textos-fonte a partir dos quais Machado de Assis possa ter trabalhado. Duas foram atribuídas a Machado de Assis – “O rei dos ôlmos” e “O coração” – pelo biógrafo e, apesar dos fortes indícios a favor da atribuição, a autoria não é inequívoca.

Uma vez que o foco da pesquisa recaiu não sobre o autor traduzido, ou o texto traduzido, mas sobre o *tradutor*, adotamos uma abordagem teórica e metodológica que facilitasse o acesso ao tradutor. Buscamos uma maneira de abordar aqueles textos que nos permitisse enxergá-los e estudá-los em seus próprios termos, evitando apriorismos quanto ao que se espera de uma tradução literária, de forma que pudéssemos, enfim, encontrar o poeta-tradutor Machado de Assis em toda sua complexidade, seu modo de trabalhar, seu modo de se relacionar com esses textos, sua maneira de incorporá-los à sua obra quando lhe conviesse. Nosso trajeto de análise, portanto, foi inspirado nas propostas do crítico e tradutor francês Antoine Berman, particularmente na primeira parte da obra *Pour une critique des traductions: John Donne*, em que é apresentado um esboço de método de análise de tradução, em particular a tradução de poesia. Um dado que nos interessou na

obra bermaniana, e que justifica nossa escolha pelo teórico francês, foi a proposta de perguntar “quem é o tradutor?”, pergunta que deve ser confrontada com o seu trabalho. Seria leviano, ou no mínimo insuficiente, supor conhecer um tradutor somente pelo que ele disse a respeito do seu trabalho ou da tradução em geral, assim como também seria temerário ignorar esses dados. Era igualmente necessário conhecer o que Berman chama de posição tradutória, ou seja, compromisso entre a maneira como o tradutor percebe a *pulsão de traduzir*, saber por que ele traduz, o que o levou à tarefa. No entanto, esta era uma posição que só poderia ser reconstituída através das próprias traduções, onde a pulsão se realiza, e que a expressam implicitamente (BERMAN, 1995, p. 75), o que reforça mais uma vez a necessidade de se estudar aqueles textos. Particularmente no caso de Machado de Assis, que nos deixou tão poucos e tão breves testemunhos a respeito do seu pensamento sobre a tradução, torna-se imperativo estudar o produto de seu trabalho para que se possa, de fato, dar corpo a esta lacuna na crítica machadiana.

Chegaríamos, assim, a uma teoria do sujeito tradutor, conhecendo suas posições tradutória, linguística e de escrita, ou seja, chegaríamos ao conceito de tradução do poeta-tradutor Machado de Assis. Feito este trabalho, também estaríamos em condições de identificar um possível projeto de tradução que, segundo Berman, “[...] define a maneira como, de um lado, o tradutor vai realizar a *translation* literária e, de outro, assumir a tradução em si, escolher um ‘modo’ de tradução, uma ‘maneira de traduzir’” (BERMAN, 1995, p. 76, tradução nossa, grifos do autor)<sup>2</sup>. Neste contexto, a tradução torna-se a realização de um projeto, assim como suas falhas são também imputáveis àquele

---

<sup>2</sup> No original: “définit la manière dont, d’une part, le traducteur va accomplir la *translation* littéraire, d’autre part, assumer la traduction même, choisir un ‘mode’ de traduction, une ‘manière de traduire’”.

mesmo projeto. Desde o princípio, nosso objetivo era o de avaliar a qualidade do texto traduzido dentro de parâmetros que permitissem identificar aquele produto como uma obra literária de fato e de direito, cabendo considerar que “[...] a poeticidade de uma tradução reside no fato de que o tradutor fez um verdadeiro trabalho textual, *escreveu um texto*, em correspondência mais ou menos estreita com a textualidade do original” (BERMAN, 1995, p. 92, tradução nossa)<sup>3</sup>. Ou seja, ao verificarmos a poeticidade de uma tradução, devemos verificar se o tradutor trabalhou o texto. Neste ponto, Berman alinha-se com o que se espera de uma tradução literária conforme Henri Meschonnic, Walter Benjamin e George Steiner: que a tradução seja mais do que somente reprodução de forma e conteúdo, mais do que um reflexo do texto traduzido, mas que procure ser uma obra por si mesma. A “obra”, portanto, não precisa ser “obra” somente conforme os parâmetros do texto-fonte, como se procurasse alcançá-lo ou repeti-lo. Um de nossos pressupostos foi o de que o poema-tradução pode ir além do texto que lhe deu origem, pode e deve partir dele, mas procurar um caminho próprio dentro da poética em que seu poeta-tradutor o circunscreveu, para alcançar sua própria significância.

Balizados por esses conceitos, tomamos para análise cada um dos poemas traduzidos por Machado de Assis, apresentando primeiramente um sucinto estudo crítico do poema em questão, fazendo um levantamento dos possíveis textos-fonte, cotejando-os com o poema traduzido na tentativa de determinar, ou pelo menos sugerir, qual teria sido a versão utilizada por Machado de Assis, ou se pode ter havido mais de uma fonte para a mesma tradução e, por fim, descrevendo o tradutor que surgia a partir daquela análise.

---

<sup>3</sup> No original: “La poéticité d’une traduction réside en ce que le traducteur a réalisé un véritable travail textuel, *a fait texte*, en correspondance plus ou moins étroite avec la textualité de l’original”.

Após percorrermos as trinta e cinco traduções poéticas de Machado de Assis, a conclusão a que chegamos foi de que se desvelava um processo de apropriação do texto estrangeiro via tradução e a inclusão desse texto, em alguns casos, na obra que é tida como “autoral”, comportamento que foi constante, observado desde as primeiras traduções. Ao comentar a tradução de “A Morte de Sócrates” por Gonçalves de Magalhães numa crônica do *Diário do Rio de Janeiro* de 17 de outubro de 1864, Machado de Assis sugere: “para traduzir Lamartine é preciso saber suspirar versos como ele” (ASSIS, 2015, vol. 4, p. 191). Também ele tradutor de Lamartine, ao dizer que era necessário “suspirar versos como ele”, poderíamos pensar que o crítico estaria sugerindo que o tradutor buscasse ser como Lamartine, e *fazer o que ele fez*, nem mais, nem menos. Nossa pesquisa revelou que este não era o poeta-tradutor Machado de Assis, já que o “suspirar versos como ele” parecia estar muito mais relacionado à necessidade de que o tradutor se tornasse ele mesmo um poeta e, como poeta, encontrasse seus próprios suspiros, apoiando-se nos suspiros lamartineanos, como Lamartine encontrara os dele. Os versos, portanto, não seriam reproduções ou espelhamentos dos versos de Lamartine, mas versos do próprio poeta-tradutor que se coloca em relação com Lamartine, relação que produz um fruto, o poema-tradução, termo que utilizamos para nos referirmos ao produto da prática tradutória machadiana e que aponta para um processo de criação conjunta. O poeta-tradutor se apropria do tema, das imagens, dos suspiros talvez, mas eles serão expressos em outra roupagem, uma que carrega as marcas da pena do poeta pelo qual passaram e da tradição literária em que se insere, que é a brasileira, mas que também é a de língua portuguesa como um todo. Quando traduz Lamartine ele mesmo, tanto em “A uma jovem árabe”, de 1859, quanto em “A Elvira”, publicada em *Lamartineanas* (1869), *Falenas* (1870) e mantida nas *Poesias completas* (1901), quando,

por exemplo, Machado troca o alexandrino pelo decassílabo, impõe cortes à expansão lânguida lamartineana em favor de um sintetismo mais frio, mais objetivo e racional, produz poemas-tradução que são exemplares de sua maneira de traduzir, inserindo matizes tipicamente machadianos. No plano semântico, o que se observou foi, em geral, uma busca pelo caráter universal, a investigação da natureza humana e da relação do homem com o mundo que existia em potencial nos textos, o que poderia explicar o motivo de o poeta-tradutor, quase que sistematicamente, omitir referências que pudessem limitar o texto a uma língua-cultura específica. O poeta-tradutor Machado de Assis é coerente consigo mesmo e com as escolhas relatadas acima por toda sua vida de poeta-tradutor.

Se havia projeto de tradução deliberado, planejado e minuciosamente executado, não saberemos. Fato é que a tradução praticada por Machado de Assis era fortemente marcada por escolhas que favorecessem a autonomia do tradutor frente ao texto estrangeiro, buscando recriar aquele texto e, de certa forma, “aclimatá-lo” à língua de chegada. Isso era observado tanto no plano formal, quando frequentemente pretería os metros clássicos estrangeiros em favor de metros clássicos da língua portuguesa, como ao trocar os alexandrinos por decassílabos, não obstante ter sido um dos grandes mestres no uso do alexandrino na nossa poesia, ou ainda no plano semântico, quando, por exemplo, era sistemático na eliminação de elementos que marcassem fortemente aquele texto como um texto de uma cultura estrangeira. Muito embora sejamos avessos ao termo “fidelidade” em tradução, percebemos que, se havia alguma preocupação nesse sentido na prática tradutória machadiana, esta fidelidade estava ligada ao modo de significar do poema, pois o poeta-tradutor buscava correspondências não ao metro ou à rima, por exemplo, mas ao que o metro utilizado no poema estrangeiro significava para aquele sistema literário estrangeiro

num determinado contexto. Assim, parecia necessário a Machado de Assis que um metro clássico estrangeiro, por exemplo, fosse traduzido por um metro clássico da língua portuguesa. Obviamente, essa não era uma regra absoluta que deveria ser seguida a todo custo. Encontramos exceções, como a tradução de “Dante”, ou de “Souvenir d’Exil”, mas, tomado o conjunto, certamente havia uma forte tendência naquele sentido desde o início de sua carreira. Outro ponto a se ressaltar na sua prática é a aparente necessidade de devolver à forma poética aqueles poemas lidos em traduções indiretas em prosa, como os poemas da “Lira chinesa” ou as traduções em prosa de poemas alemães via francês em *Falenas* e *Crisálidas*, que Machado sistematicamente devolveu à forma poética conforme a tradição de língua portuguesa. Índícios de “maturação” foram encontrados na abertura gradual de seus horizontes para além dos círculos de poetas nacionais e portugueses, internacionalizando suas influências, afastando-se gradualmente, com o avançar dos anos, do gosto romântico mais tradicional, chegando a introduzir poetas e demonstrar interesses que eram novidade por aqui, como no caso do polonês Adam Mickiewicz.

Conforme desenvolvíamos esse perfil, começamos a cogitar a possibilidade de ir além da descrição de quem foi o poeta-tradutor Machado de Assis, e pensar que a prática da tradução, particularmente a tradução poética, no nosso caso, teria ocupado, em certa medida, um papel central, ou talvez até fundamental, para o desenvolvimento de sua poética. Afinal, foi praticando a tradução, reescrevendo, recriando modelos estrangeiros que o poeta-tradutor, aqui também um crítico, teve a oportunidade de observar o funcionamento mais íntimo das intrincadas engrenagens que fazem funcionar o texto literário.

O que observamos nos trinta e cinco poemas-tradução analisados foi um processo de apropriação que ganhava contornos cada vez mais nítidos durante um trabalho que se intensifica grandemente na primeira

metade de sua carreira, arrefecendo-se em seguida, sem, contudo, perder a relevância ou o apuro estético. É curioso notar que a quase totalidade das traduções poéticas concentraram-se nas décadas de 1860 e 1870, justamente os anos em que publica seus primeiros livros de poesia e prosa. Se incluirmos na conta também suas traduções teatrais e narrativas, como os romances de Victor Hugo e Charles Dickens, a intensidade prática da tradução nessas décadas é ainda mais evidente, já que mais de três quartos de todas as suas traduções se concentram naqueles anos. Há, portanto, intensa atividade tradutória na primeira metade da carreira do escritor, e uma queda quantitativa brusca a partir da década de 1880, coincidindo com a guinada que dá em sua carreira a partir da publicação do romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1881). Todavia, esse acentuado declínio na frequência com que traduz, em especial no caso da tradução de poesia, não representa um declínio na qualidade ou representatividade dos trabalhos realizados a partir daquele momento. Ao contrário, Machado parece reservar seus esforços a interesses cada vez mais particulares. Note-se, por exemplo, que os últimos poemas-tradução realizados e publicados são também os que mantêm intenso diálogo com o restante de sua obra. Pensamos aqui em “O Corvo”, “Dante”, “To be or not to be” e “Animais iscados da peste” e as reverberações desses poemas em obras como *Quincas Borba*, o conto “As academias de Sião”, ou nos mais diversos momentos da ficção machadiana que dialogam com o monólogo de Hamlet. Por outro lado, é preciso reconhecer que mesmo a despreziosa cançoneta “O casamento do diabo”, por exemplo, dialoga de maneira instigante com o célebre conto “A igreja do diabo”. Acreditamos ser inegável que vários desses poemas-tradução deixaram marcas profundas na produção literária de Machado de Assis, reforçando igualmente a tese de que a emulação que se apropria de modelos estrangeiros se intensifica após *Memórias Póstumas de Brás*

*Cubas* – com as devidas ressalvas de que não ocorre somente ali, depois da década de 1880.

Antoine Berman afirmou haver um lugar ambíguo ocupado pela tradução, o que pode nos ajudar a entender o projeto que Machado de Assis tinha para suas traduções:

Por um lado, ela se submete a essa injunção apropriadora e redutora, constitui-se como um de seus agentes. O que acaba por produzir traduções etnocêntricas, ou o que podemos chamar de “má” tradução. Mas, por outro lado, a *visada ética* do traduzir opõe-se por natureza a essa injunção: a essência da tradução é ser abertura, diálogo, mestiçagem, descentralização. Ela é relação, ou não é *nada*” (BERMAN, 2002, p. 17).

Seria perfeitamente possível acusar Machado de Assis de “etnocêntrico” ou até de “mau tradutor” por traduzir poesia apropriando-se do texto de partida, desfigurando-o e adotando formas que remetem à sua própria tradição poética, e até mesmo eliminando marcas que estrangeirizariam seu texto. Entendemos, todavia, que há uma diferença fundamental entre os lugares de fala de Berman, sua língua-cultura, os tradutores que analisa e o lugar de Machado de Assis. Berman era europeu, falante de uma língua europeia de considerável influência, especialmente durante o período em que Machado de Assis trabalhou, que apresenta principalmente estudos de tradutores europeus em *Pour une critique des traductions: John Donne e A prova do estrangeiro*. Pertencem, portanto, ao que nos habituamos a chamar de “centro”. São línguas-culturas autóctones, cujo processo de formação de uma identidade nacional foi distinto do nosso. A posição-situação do poeta-tradutor Machado de Assis é radicalmente diferente, porque pertence a uma nação que empresta sua língua-cultura de outra – Portugal – que representa o colonizador, uma língua-cultura que é adotada por uma nova nação que, aos olhos do poeta-tradutor Machado de Assis, se tornara politicamente independente havia apenas algumas

décadas, sem um passado histórico ou uma língua e tradição próprios, se tomados por medida os modelos europeus. Tudo está por se fazer, e só se pode fazê-lo a partir de um legado – o português – que é, a um só tempo, estrangeiro e nacional. Não somos “centro”, mas uma nação periférica que mantém laços linguísticos e culturais com outra nação periférica no sistema europeu. Não há como, portanto, descentralizarmos porque somos periferia e porque a necessidade é, na verdade, a autoafirmação que se dará por diversas vias, inclusive, e principalmente, talvez, através da anexação do estrangeiro, do Outro, mesmo que “etnocentricamente” à primeira vista. Ainda assim, em vista do que observamos nas traduções de Machado de Assis, parece-nos bastante claro que há uma “mestiçagem” no seu modo de trabalhar, deixando suas marcas no diálogo que abre com o outro, há um “descentramento” não de si, mas do outro que vem com a autoridade de um modelo que será absorvido sob a ótica da poética de quem traduz.

Se Berman chama de má tradução aquela que, “[...] geralmente sob o pretexto da transmissibilidade, opera uma negação sistemática da estranheza da obra estrangeira” (BERMAN, 2002, p. 18), Meschonnic apresenta outra formulação que nos parece mais apropriada ao nosso caso: “Para a poética, é *má* a tradução que substitui uma poética (a do texto) por uma ausência de poética: ou seja, a língua pela estilística ou pela retórica – as unidades da língua; a tradução que substitui o ritmo e a oralidade como semântica do contínuo pelo descontínuo do signo” (MESCHONNIC, 2010, p. 74). Sob o ponto de vista bermaniano, seria possível incluir Machado entre os “maus” tradutores, já que no plano formal, pelo menos, vimos que Machado de Assis nega a estranheza da obra estrangeira, salvo raros exemplos, enquanto no plano semântico, embora as interferências ocorram em menor grau e de forma mais sutil, não raramente se desfaz por completo de marcas que denunciam ser aquele um texto estrangeiro. Todavia, isso não é feito “sob o pretexto

da transmissibilidade”, pois o que faz em sua oficina de tradutor não é meramente tornar as obras acessíveis ao leitor que não compreende as línguas de partida, mas reimaginá-las poeticamente dentro de seu projeto de tradução e da tradição de sua língua-cultura, tratando-as como novos poemas. Então, sob a formulação de Meschonnic, Machado não seria um mau tradutor porque seus poemas-traduições substituem uma poética – a do autor estrangeiro – por outra, a do próprio poeta-tradutor; o poeta-tradutor troca o ritmo do texto de partida não por uma ausência de ritmo poético, mas por um ritmo e tom próprios, inscrevendo-se nos textos que traduz, o que, por conseguinte, reforça a hipótese de que a tradução – ou pelo menos a tradução poética – não teve um papel meramente coadjuvante em sua carreira literária, mas talvez tenha auxiliado o escritor no desenvolvimento do que vemos em toda a sua obra.

João César de Castro Rocha sugere, em *Machado de Assis: por uma poética da emulação* (2004), que Machado teria aprendido com Shakespeare, que se apropriava despididamente tanto dos clássicos quanto dos contemporâneos, e teria encontrado no bardo inglês as bases para a sua poética da emulação. Vemos que não só sua obra “autoral”, mas que toda a prática tradutória de Machado de Assis, ou pelo menos a parte que tangenciou a nossa pesquisa, está permeada desta ideia, e chega ao seu ponto máximo com as traduções de *Ocidentais*, em especial, “O corvo”. Sérgio Bellei (1987), por exemplo, se antecipa às perguntas formuladas por Rocha quando se pergunta sobre como conciliar a busca por uma voz poética e contribuir para o estabelecimento de uma base que ajude a fundar um nacionalismo literário se o começo desta nova literatura – a brasileira – já surge de uma relação problemática de dependência a algo anterior, que é a tradição literária de língua portuguesa e mesmo a tradição literária ocidental. Ao mesmo tempo que busca originalidade, o poeta-tradutor se

vê nesta posição problemática de dependência. A saída que encontra, no caso das traduções que analisamos, de que “O Corvo” e “To be or not to be” são ótimos exemplos, é a desleitura intencional que por um lado marca sua diferença em relação ao texto-fonte e, por outro, assume, reforça e trabalha conforme o que preconiza a tradição literária de língua portuguesa. Esta é uma reflexão que, na verdade, poderia ser estendida a qualquer uma das traduções que foram iniciativa do próprio Machado de Assis e mesmo de várias que não foram. O poeta-tradutor Machado de Assis – e possivelmente vários outros tradutores do século XIX –, por mais que se afirme e deixe marcada sua diferença diante do texto, ainda é razoavelmente conservador quanto aos caminhos escolhidos em suas traduções, já que deixa transparecer um considerável apego à tradição de língua portuguesa.

Ao estudar os tradutores românticos alemães em *A prova do estrangeiro*, Berman afirma que a língua alemã carecia de “cultura” e necessitava de um alargamento, o qual pressupunha que a fidelidade estivesse bem-marcada nas traduções (BERMAN, 2002, p. 69), explicando que aquelas traduções teriam sido bem-sucedidas justamente porque estrangeirizavam o alemão. Por que esperar, ou desejar, que Machado de Assis fizesse o mesmo se a realidade era diferente, se, embora a nação brasileira fosse jovem, esse não era o caso da língua portuguesa, uma língua de grande e riquíssima tradição literária, um amplo e sólido repertório no qual o poeta-tradutor poderia se apoiar para incorporar as obras estrangeiras? Com Machado de Assis, a tradução parece ter outro papel que nos leva a pensar no enfraquecimento, ou revisão, desta dicotomia “domesticar/estrangeirizar”: o de enriquecer o “pecúlio comum” com elementos colhidos alhures, reafirmando, mesmo que conservadoramente, a força da tradição de sua língua-cultura através da tradução.

Propusemos, portanto, que as traduções de Machado de Assis fossem lidas como um laboratório de experimentação técnica em que o tradutor, ao mesmo tempo que observa os mecanismos de funcionamento da obra e busca meios de recriá-la, elabora conceitos e mecanismos para criar outra obra que assuma seu lugar na tradição de língua portuguesa e que ajude a consolidar uma literatura brasileira. Gérard Genette afirma em *Palimpsestes* que “[o] mais sábio para o tradutor seria, sem dúvida, admitir que ele só pode fazer mal e, contudo, se esforçar para fazer o melhor possível, o que frequentemente significa fazer *outra coisa*” (GENETTE, 1982, p. 297, tradução nossa)<sup>4</sup>. As traduções de Machado, portanto, ao fazerem a “outra coisa” de que fala Genette, ensinam o escritor a caminhar da imitação e tradução de modelos estrangeiros para a emulação destes modelos em suas obras da maturidade.

Se as traduções podem nos levar para além daquele laboratório de experimentação técnica, outro problema que se impõe com esses textos, evidentemente, é o da influência que eles possam ter exercido sobre o escritor e o influxo de métodos e temas sobre sua obra. Em *Um mapa da desleitura*, Harold Bloom alega que

não existem textos, apenas relações *entre* os textos. Estas relações dependem de um ato crítico, uma desleitura ou desapropriação, que um poema exerce sobre outro, e isto não difere em gênero dos necessários atos críticos que todo leitor forte realiza com todo texto que encontra. A relação de influência governa a leitura assim como governa a escrita, e a leitura, portanto, é uma “desescrita” assim como a escrita é uma desleitura. Com o prolongamento da história literária, toda poesia se torna necessariamente crítica em verso, bem como toda crítica se torna poesia em prosa (BLOOM, 2003, p. 23).

---

<sup>4</sup> No original: “Le plus sage, pour le traducteur, serait sans doute d’admettre qu’il ne peut faire que mal, et de s’efforcer pourtant de faire aussi bien que possible, ce qui signifie souvant faire *autre chose*”.

A tradução, se considerada uma das formas mais íntimas de leitura de uma obra, pode se tornar um dos melhores canais através do qual a influência, ou “apropriação poética” (BLOOM, 2003, p. 23), se manifesta. No caso de Machado, encontramos diversos graus desse tipo de apropriação nas suas traduções, começando com tentativas de diálogos com autores estrangeiros, repetindo os temas que primeiro encontra nas traduções que pratica, até ser capaz de deglutir completamente a obra estrangeira a ponto de torná-la sua.

Desde seus primeiros trabalhos, como no caso de “Minha Mãe”, mas também em “A uma jovem árabe” ou “O casamento do diabo”, observamos sempre o mesmo comportamento: a tendência de aclimatar o texto, apropriar-se dele, afastando-se, muito ou pouco conforme a ocasião, e reimaginá-lo poeticamente. Contudo, quando a situação exigia, o jovem poeta-tradutor era perfeitamente capaz de agir de modo completamente contrário: se os alexandrinos de Lamartine são preteridos em favor do decassílabo português, se detalhes e imagens que pareciam redundantes ao tradutor são eliminados em favor de um texto mais sintético, “Souvenirs d’Exil”, poema de Ribeyrolles, é traduzido com um acompanhamento impecável de forma e conteúdo equiparável às “transcrições” de Haroldo e Augusto de Campos, numa clara tentativa de recriar os traços estilísticos do poema em francês. Porém, o caso é que “Souvenirs d’Exil” era um poema de ocasião, uma evidente demonstração de virtuosismo poético e literário, e não necessariamente uma afinidade intelectual com a qual se deseja aprender e/ou ultrapassar. Não se tratava de uma obra feita com a intenção de estabelecer um diálogo, como parece ter sido o caso de Lamartine. A tradução, quando é uma prática eletiva, parece surgir de uma medição de forças com o texto estrangeiro com o objetivo de marcar sua diferença em relação a ele na tentativa de, talvez, até

mesmo superá-lo, e é isso que se destaca ainda mais nas traduções de *Crisálidas* e cada vez mais nas posteriores.

Parece certo, portanto, que todo esse “modo de traduzir”, tão rico, independente e intenso, não existiria sem aquela “pulsão” de que fala Antoine Berman, o motivo que foi a força motriz por trás das penas machadianas e que só poderia ser reconstituído de fato a partir do estudo das obras traduzidas. Estamos agora em campo puramente especulativo, embora informados pelo que observamos ao longo do nosso percurso. Não se pode, evidentemente, generalizar esta “pulsão” como sendo algo que sempre existiu por detrás de toda e qualquer tradução que estudamos. Há traduções que, como vimos, são obviamente frutos de iniciativa alheia, em maior ou menor grau, à vontade de Machado de Assis ou que não devem ter sido pensadas e realizadas com o intuito de integrá-las à sua obra. A força motriz que encontramos é latente nas traduções incluídas em seus três primeiros livros de poesia, mas é principalmente visível em um grupo de textos que elencamos e classificamos como centrais – aqueles mais tardios e que mantêm uma relação mais íntima com o restante de sua produção autoral – e está intimamente relacionada com toda sua atividade autoral: o Machado de Assis poeta-tradutor buscava naqueles autores e textos centrais de sua produção tradutória o mesmo que buscava nos autores que lia e com quem dialogava na sua produção ficcional, teatral ou poética: ora uma medição de forças, ora um revisionismo intenso, ora uma apropriação despudorada e, mais comumente, um amálgama de tudo isso. Se é isso que observamos nas traduções, na produção autoral de Machado, a apropriação do texto-fonte se torna observável por meio de citações, não raro intencionalmente distorcidas em sua fase madura, epígrafes e principalmente na utilização de recursos tomados de outros textos. Este argumento alinha-se com a sugestão de João

Cezar de Castro Rocha de que “o método machadiano dessacraliza o texto-origem” (ROCHA, 2013, p. 307), ou que

A relevância da tradução na obra machadiana é bem conhecida; reforçando a centralidade da tarefa do tradutor na formação do cânone em culturas não-hegemônicas. Em alguma medida, traduzir e aclimatar são ações familiares. Muitos versos machadianos se originam da apropriação de traduções (ROCHA, 2013, p. 244).

Este comportamento de Machado culminou, em sua fase madura, na poética da emulação de que fala Rocha, de deliberado anacronismo com o “[...] *poder de restaurar o passado*, corrigindo, na medida do possível, assimetrias políticas e culturais cujo controle escapa ao autor” (ROCHA, 2013, p. 305). Dessacralizar o texto-origem é, afinal, o que há de mais constante na maneira como Machado de Assis traduz poesia.

Assim, postulamos que a prática da tradução, a apropriação e recriação de textos considerados modelos hegemônicos favoreceram o desenvolvimento de uma poética própria, exercendo inevitável influência sobre a poética do tradutor. Deste modo, (re)conhecer o poeta-tradutor nas obras traduzidas foi necessário e imprescindível para compreender a formação de sua poética, uma vez que através das traduções, e conseqüentemente das escolhas de autores, textos e procedimentos adotados, foi possível não somente conhecer o tradutor, mas sobretudo o poeta e o crítico que se formaram e se se tornaram conhecidos, bem como foi possível sugerir que as obras traduzidas não são fruto do acaso, desconectadas da obra reconhecida como autoral, mas integram organicamente a obra do autor, sendo possível, em vários casos, encontrar reverberações desses poemas-traduições no restante de sua obra.

No posfácio de seu primeiro livro de poesias, *Crisálidas*, o jovem Machado de Assis, afirmando não curar de escolas ou teorias, admite

um desejo secreto de expansão presente em seus versos e se apresenta não como um sacerdote no culto das musas, mas um “fiel obscuro da vasta multidão de fiéis”. Modestamente, conclui seu parágrafo com as seguintes palavras: “Tal sou eu, tal deve ser apreciado meu livro; nem mais, nem menos”. Embora adote um tom categórico, entendemos que o autor tencionou dar ao leitor uma súpula do que pretendia com a sua poesia naquele momento, o que incluía reconhecer seu lugar tal como ele o percebia, uma posição modesta que lhe cabia, mas também exigindo para si que ao menos aquele lugar fosse respeitado.

Refeito todo esse percurso, por mais que as práticas, em suas miudezas, tenham sido diferentes conforme os textos e conforme a época, é inegável que há também uma forte e reconhecível coerência interna ao modo de traduzir machadiano, uma recorrência de escolhas e objetivos comuns identificáveis desde seus primeiros trabalhos até os últimos. A tradução poética machadiana que observamos é uma tradução apropriadora do texto estrangeiro, uma tradução que não se coloca ao lado, ou abaixo, e nem mesmo no lugar do texto, mas uma tradução que busca seu próprio lugar na tradição de que passa a fazer parte. A tradução machadiana, no mais das vezes, parte de um texto estrangeiro não com o único objetivo de dar aos leitores que desconhecem o texto-fonte uma possibilidade de leitura, mas um poema que desdobra, amplia e/ou ressignifica o texto de partida, tornando-se, portanto, um outro original que deve ser lido como tal, algo que fica ainda mais evidente quando se percebe que suas traduções de poesia não estão diretamente interessadas em apresentar um conjunto de poemas de um determinado autor, ou de uma época ou escola e dadas ao público como tal, a exemplo do que fizeram alguns dos outros tradutores, como o que De Simoni fez com os poetas italianos ou Edgar Bowring com os alemães. O que temos, na verdade, é um pequeno paideuma machadiano da literatura mundial composto de

poemas recriados à sua imagem e semelhança. As principais traduções poéticas de Machado de Assis são incluídas entre seus outros poemas, integrando-se a uma obra mais ampla, e devem ser lidas como algo que compõe aquele conjunto, como fios que fazem parte de uma intrincada renda poética que alinhava tanto essas obras negligenciadas quanto aquelas mais célebres. Se são derivadas de outros poemas como traduções que são, também os outros poemas daqueles conjuntos o são, embora de natureza diversa.

Seriam as traduções que realizou durante toda a vida parte da resposta àquele “desejo secreto de expansão” que anuncia quando publica seus primeiros poemas em livro? Cremos que sim, ou que pelo menos tal possibilidade deveria ficar no campo do provável. Ao menos, agora, temos alguma noção do que foram os poemas-tradução de Machado de Assis e desejamos que a eles seja dado o estatuto merecido, de obras que são. Assim como o jovem Machado de Assis em seu posfácio de 1864, concluímos: tais são as traduções poéticas de Machado de Assis, como tal devem ser apreciadas; nem mais, nem menos.

## Referências

ASSIS, Machado de. *Obra completa em quatro volumes*: edição anotada. [Organização Aloizio Leite Neto, Ana Lima Cecílio, Heloisa Jahn]. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2015.

BELLEI, Sérgio. “‘The Raven’, by Machado de Assis”. *Ilha do Desterro*, n. 17, p. 47-62, 1º semestre de 1987.

BERMAN, Antoine. *A prova do estrangeiro*: cultura e tradução na Alemanha romântica: Herder, Goethe, Schlegel, Novalis, Humboldt, Schleiermacher, Hölderlin. Trad. Maria Emília Pereira Chanut. Bauru, SP: EDUSC, 2002.

BERMAN, Antoine. *Pour une critique des traductions: John Donne*. Paris: Éditions Gallimard, 1995.

BLOOM, Harold. *Um mapa da desleitura*. Tradução de Thelma Médici Nóbrega. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

FERREIRA, Eliane F. C. *Para traduzir o século XIX: Machado de Assis*. São Paulo: Annablume; Rio de Janeiro: ABL, 2004

GENETTE, Gérard. *Palimpsestes: la littérature au seconde degré*. Paris: Éditions du Seuil, 1982.

MASSA, Jean-Michel. Entrevista com o Professor Jean-Michel Massa. *Teresa*, São Paulo, n. 6-7, p. 457-466, dez. 2005.

MASSA, Jean-Michel. *Machado de Assis tradutor*. Belo Horizonte: Crisálidas, 2008.

MESCHONNIC, Henri. *Poética do traduzir*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Perspectiva, 2010.

ROCHA, João Cezar de Castro. *Machado de Assis: por uma poética da emulação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.